

O boi-bumbá e a nova estrutura urbana de Parintins

José Camilo Ramos de Souza*

Resumo: O artigo analisa a relação entre o boi-bumbá e o crescimento da cidade de Parintins nas três últimas décadas. A urbanização resulta do descaso do poder local e da migração campo-cidade decorrente das grandes enchentes e da falta de política agrícola. Considera a urbanização excludente e o boi-bumbá como determinante da nova estruturação urbana, todavia não se pode responsabilizar o Festival pelo crescimento desordenado da cidade e pelos problemas sociais existentes.

Palavras-chave: Cidade, crescimento urbano e cultura popular.

Abstract: *The article analyzes the relationship between the boi-bumbá and the growth of the city of Parintins in the last three decades. The urbanization results into disregard of the local power and migration from the country to the city due to the great inundations and the lack of agricultural politics. It takes into account the excluding urbanization and boi-bumbá as decisive factin the new urban structuring, though the Festival can't be responsible for the disordered growth of the city neither for its social problems.*

Keywords: *City, urban growth and popular culture.*

*Era um mundo tão calado
Numa ilha desolada
Hoje muito agitada
Seus segredos violados
Hoje canta e toca triste
Toma coca e bebe whisky
Já não posso mais sonhar
O meu sonho é pesadelo
Vejo a luta contra o medo
Contra o medo de morrer
De morrer pelo progresso
O progresso do sucesso.
Veio a faca comprida
Depois o pau de trovão
Hoje o pássaro de aço
Ai, meu Deus, que confusão!*

(Trecho da música de Emerson Maia)

*Licenciado em Geografia/UA e professor de Geografia do ensino médio.





A cidade que encanta, que faz sucesso, pela passividade de seu povo e pelo brilhante festival folclórico, passa a viver a transformação recente e a conviver com novos modelos de vida ou copiados de outros Estados, apresentados pela televisão (esta chega à cidade em 1979). Passa a ser influenciada pelo avanço tecnológico; é o momento de sua expansão, onde novos bairros são criados, mas também conhece a fome, a miséria, o desemprego e o aumento da violência, através de grupos de jovens envolvidos com drogas, formando as chamadas galeras (ganguês), que lutam contra grupos rivais em plena rua e atacam quem não faz parte desse círculo. Este é apenas um dos lados do retrato do descaso do poder público e do preço que a população, especialmente a mais pobre, paga pela expansão da cidade.

Esta violência antes não existia nas ruas da cidade, porque as equipes do Projeto Rondon (UERJ) estavam em Parintins e implementaram a Comissão Central de Esportes, com várias modalidades: futsal, handebol, vôlei, atletismo, ginástica, futebol de campo e natação. Nas férias escolares, realizavam a colônia de férias, onde participavam crianças e jovens. Assim, todos estavam em atividade e não ficavam ociosos; porém, na década de 1980, tudo isto foi desfeito. Os campos de peladas cedem lugar à construção de bairros ou conjuntos habitacionais, deixando os jovens sem um espaço para o lazer e para extravasar suas energias. Tudo isso pela falta de uma política voltada para a juventude.

Quando a política era doméstica, os políticos estavam preocupados com a cidade, os problemas eram tratados com maior seriedade, com rápida resolução, dentro de um planejamento; os interesses eram voltados para a cidade, para o seu desenvolvimento, porém os interesses dos grupos políticos deixam de ser domésticos e os horizontes e pretensões são outros (Assembléia Estadual, Câmara Federal ou Senado); importante nesse jogo é que possam alcançar seus objetivos.

Na década de 80, a população urbana é duas vezes maior que a rural. Com isso novos bairros vão surgindo: Santa Rita, São Francisco, De jard Vieira; outros ampliados: Santa Clara, Emílio Moreira, Itaguatinga, São Benedito, o próprio Palmares (estes decorrentes da fuga dos ribeirinhos por causa da cheia para a cidade). Novos conjuntos erguidos: Macurany e João Novo (por questões político-partidárias, visando aquisição de votos). Em 90, novos conjuntos habitacionais são construídos: Novo Lar, Paraíba e Padre Sílvio Mito (financiamentos da Caixa Econômica Federal); é nesta década que as



pessoas começam o processo de ocupações de terra urbana, incentivadas por integrantes de determinados grupos políticos, para se promoverem, daí surgindo o bairro do Itaúna, conhecido por Sem-Terra. Esta prática se instala, promovendo novas ocupações e, com elas, novos problemas sociais (assaltos à mão armada, invasões e crimes praticados por membros de gangues). O Itaúna ganhou novos moradores e sua segunda fase de ampliação recebe o nome de Paulo Corrêa, chegando à margem da lagoa do Macurany, que se encontra em estágio de degradação-morte.

As ocupações de terrenos significam para os políticos novos moradores, novos eleitores; para a cidade um crescimento “desordenado”, sem regra. A Parintins que crescia planejadamente, com arruamentos bem traçados, com calçadas para pedestres, começa a perder essa característica; os bairros crescem demais e passam a exigir infra-estrutura: água, luz, telefone, ruas pavimentadas, esgoto; porém o poder político só vai se preocupar e tomar as devidas providências quando o “caos” já está implantado, porque essa demanda não foi mais atendida, muito menos passou por um planejamento preventivo. Ressalta-se que a cidade necessita de um plano de diretor, mas não foi ainda discutido na Câmara Municipal.

A expansão urbana não é causa e, sim, conseqüência de um processo mais amplo de crise no campo em decorrência da ausência ou da inadequação de políticas agrícolas. Como o município tinha sua economia baseada na produção agrícola como suporte da matéria-prima para a indústria de transformação houve a degradação da estrutura urbana, que não significa apenas a falta de recursos mas também a distorção de prioridades do poder público.

Outro setor afetado é o da educação, porque a população estudantil cresceu; muitos deixam a cidade para dar continuidade ao estudo na capital do Estado, porque a UERJ havia saído do município. É nesse momento que a Universidade do Amazonas chega (interioriza-se), com o curso de Letras (1987). Em 1991, faz vestibular para implantar a Licenciatura em Geografia, e, em 1993, implantam as Licenciaturas em Química, Física, Matemática e Biologia (estes cursos foram desativados em 1996). Novos foram implantados (Filosofia, História, etc.). A população passa a viver um novo momento em sua escala educacional. É nessa década que a rede pública de ensino (1º e 2º graus) apresenta-se deficitária em termos de vagas, surgindo na frente das escolas filas de pais em busca de uma vaga para seus filhos; por causa dessa deficiência, muitas crianças e jovens ficam sem estudar.





A cidade estava estruturada com uma boa rede hospitalar para atender o público local de outros municípios, com médicos dedicados à saúde preventiva, com visitadoras, que faziam o acompanhamento de doentes nas residências e tratavam da desnutrição de crianças. A SUCAM, com excelente laboratório e quadro técnico de pessoal, atuava no combate aos mosquitos transmissores de doenças tropicais. Mas a cidade assiste ao desmoronar da saúde local quando a Fundação SESP é desestruturada e passa à municipalidade (hoje Hospital Jofre Cohen), entrando em decadência; a Casa de Recuperação, que atendia os doentes acometidos de tuberculose, é fechada; o Hospital Padre Colombo, pertencente à Diocese, conveniado com o Estado (recentemente reformado e ampliado), encontra-se sem apoio, tornando-se incapaz de atender à demanda de pacientes locais e oriundos de outros municípios. A crise no setor público de saúde permite a instalação de diversas clínicas na cidade, algumas aparelhadas, outras não; a saúde preventiva deixa de ser feita passando a existir somente a curativa. Mesmo com toda essa situação, a população resiste e tenta viver, hoje, a Parintins de ontem.

Assinale-se que a crise urbana, que se concretiza na deterioração da qualidade de vida urbana, também ocorre em outras cidades do Amazonas, da Amazônia e do Brasil. O reconhecimento disso não isenta de responsabilidade o poder local, que também se deteriora a partir da década de 80, embora em períodos anteriores também mostrasse marcas de desprezo ao povo.

A vida econômica da cidade passa a ser sustentada pela pecuária, não mais pela agricultura ou pela extinta juta, que deixa suas marcas nos prédios das prensas, da Fabril Juta (prédio ocupado pelo Garantido, transformando-o em QG e palco de eventos festivos do próprio boi), no prédio da cooperativa (parte ocupada pela escola de artes do Caprichoso e outras prensas de juta também transformadas em QG do bumbá Caprichoso) ou nas pessoas que trabalharam na colheita da fibra, marcas em forma de reumatismo.

Os criadores pertencentes à Associação dos Pecuáristas construíram um parque de exposições para a realização de duas feiras, uma acontecendo em maio, a de bubalinos, e a outra, EXPOPIN, em novembro (bovinos, eqüinos, caprinos, suínos e outros animais). O comércio, por sua vez, aumentou sua participação na economia do município, mas sofre com a falta de circulação de dinheiro na cidade. Esta vê a implantação de serrarias, movelarias, olarias, bares, lanchonetes, que não chegam a absorver a mão-de-obra existente, obrigando a população a procurar alternativas para sair da crise (alguns dedicam-



se à produção de artesanato ou criam micro e pequenas indústrias, outros esperam os preparativos para o Festival, porque vão trabalhar nos QGs).

A circulação de dinheiro na cidade aparece no pagamento dos servidores públicos do Estado, principalmente dos professores; no período da feira agropecuária ou quando se iniciam os preparativos para o festival folclórico. Estando a cidade e sua economia ligada à economia nacional, é afetada pela crise econômica do país ou pelos inúmeros planos econômicos, medidas provisórias, desestabilizando a economia local.

O cidadão tem seus sonhos transformados e desfeitos, porque vive o desespero do desemprego, da falta de dinheiro, com as crianças obrigadas a pedir nas ruas, outras vão em busca de alimento na lixeira pública. A cidade vive, na década de 90, a miséria e o descaso do governo local, reflexo do descaso do Estado.

Parintins tinha tudo para ser modelo de crescimento, mas vai se tornando “desorganizada”, sem espaço para pedestre, sem “planejamento”, sem educação no trânsito. Apesar desse triste retrato, vive o fenômeno do boi-bumbá, surgido da criatividade de uma população que traduz em festa seus mitos, suas crenças.

Quando a festa tornou-se um grande espetáculo, avançou além de suas fronteiras, exigindo um aparelhamento estrutural para sua apresentação. Para isso foi construído o bumbódromo, com capacidade para 30 mil torcedores. O Festival exige uma estrutura hoteleira para atender os turistas, porém ainda deixa a desejar. Para amenizar o problema de hospedagem para os turistas do festival, o governo do Estado financiou a construção de apartamentos-suítes, chamados de “cama e café da manhã”. Este financiamento beneficiou os moradores que tinham uma boa casa e uma certa estabilidade financeira, e tornou-se, dessa forma, uma nova fonte de renda, mesmo que seja só no mês de junho.

A cidade, a cada dia, se transforma, torna-se mais atraente, atraindo a população rural para nela residir; mais um fator da mobilidade populacional, porque a cidade começou a fazer sucesso; através do festival, apresentou-se na televisão, agora há a oportunidade de ser visto, e até de ganhar dinheiro. O campo ficou mais vazio, a cidade mais cheia.

Viver esta ilusão do sucesso ainda é, para o parintinense, uma forma de conduzir o crescimento da cidade, sem perceber ou ter essa pretensão, mas nesse processo vários valores culturais são perdidos ou desfeitos; costumes





e tradições esquecidos, vistos apenas nas apresentações dos bumbás. Contudo, a cidade continua alegre, presa ainda em alguns laços culturais, como um povo hospitaleiro, uma cidade pacata que sabe receber o visitante; mesmo que não saiba equacionar os problemas sociais e políticos existentes.

A partir do mês de maio desaparecem das ruas as galeras porque os jovens estão envolvidos na confecção de fantasias, capacetes e alegorias no QG dos bumbás. Isto é importante, considerando que o jovem passa a ganhar dinheiro e ainda sente-se feliz por estar ajudando seu boi preferido. As autoridades são contra, devido ao uso de cola, pois pensam que há consumo, mas ressalte-se que no momento em que estão trabalhando não sobra tempo para o consumo de droga.

A cidade possui dois centros comerciais, um na João Melo e outro na Francesa. Vários portos de embarque e desembarque de pessoas oriundas da zona rural e de sua produção agrícola: Francesa, Macurany, no período da cheia; Baixa do São José, Rampa do Mercado Central e escadaria da Caçapava; o principal ancora barcos de grande porte, que transportam carga e passageiros; navios de turistas e cargueiros para transportar madeira exportada.

A cidade cresce rapidamente, torna-se mais violenta por natureza ou por importação de valores; alegre por seu festival, triste por sua situação de pobreza; mesmo assim, o povo herdeiro dos Tupinambá procura fazer das Pastorinhas a resistência cultural na realidade atual, a transformação do boi-bumbá (nesse caso, percebe-se a mudança estrutural do boi, o qual torna-se empresa e apresenta um megaespetáculo). Tendo no bairro Itaúna, o mais pobre, a “marginalidade”; onde casas são cobertas de palha e fechadas de papelão (muitas com sobras de alegorias dos bumbás); outras residências foram invadindo as margens das lagoas, retirando a vegetação ciliar, permitindo o assoreamento das mesmas. Ilhas ligadas por aterros; de Santa Rita, a do Matadouro, a do Itaúna, formando lagos de água parada; servindo de depósito de lixo, mas utilizadas pelas crianças como balneário.

O quadro apresentado por Parintins é o preço do sucesso do progresso (isto visto no boi e na própria cidade); porém, ninguém fica parado no tempo, por isso a paisagem urbana desta cidade se constrói e se transforma no dia-a-dia, resultado da reorganização da sociedade, adaptada às novas realidades de vida.



Dessa forma, Parintins vive as transformações recentes: nova estrutura de pavimentação; novas praças; novos passeios para pedestre, tudo para transformar a ilha do boi-bumbá em ilha do turismo. Porém, o que é feito na cidade não se está levando em conta a sua dinâmica, a sua forma; logo esta passa por uma descaracterização social/urbana. A vida noturna de Parintins está centralizada na avenida principal, onde funcionam vários bares e as pessoas circulam de moto; percebe-se que a cidade não apresenta mais alternativas como antes.

O boi não foi responsável pelo crescimento da cidade, mas é pela nova estrutura que vai surgindo. Logo, faz-se necessário a ampliação do porto principal (cais), o surgimento de novos ancoradouros e a exigência de ampliação do aeroporto Júlio Belém para receber aviões de grande porte.

Parintins já foi “um mundo tão calado”, hoje é agitado, famoso e que procura criar meios e mecanismo para dinamizar sua economia, talvez através da dimensão da festa do boi-bumbá, caso se transforme em cidade turística o ano todo e não apenas em um pequeno período do ano.

Referências bibliográficas

- CÂMARA Municipal de Parintins. Livros de Atas de 1915 a 1935.
- CÉRQUA, Dom Arcângelo (1980). *Clarões de fé do médio Amazonas*. Manaus: Imprensa Oficial.
- CORRÊA. Roberto Lobato (1989). *A organização urbana*. Rio de Janeiro: IBGE.
- OLIVEIRA, José Aldemir de (2000). *Cidades na selva*. Manaus: Valer.
- SOUZA, José Camilo Ramos de (1998). Parintins, uma ilha urbanizada. Monografia de conclusão de curso. (Departamento de Geografia) – UA.

